



GT 34. Ensinar e Aprender Antropologia

Coordenador(es):

Rodrigo Pereira da Rocha Rosistolato (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Guillermo Vega Sanabria (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

Sessão 1 - Ensinar e aprender antropologia e a educação básica

Debatedor/a: Ana Pires do Prado (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Sessão 2 - Ensinar e aprender antropologia em diversos contextos de formação profissional

Debatedor/a: Amurabi Pereira de Oliveira (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

Sessão 3 - Ensinar e aprender antropologia nas ciências sociais

Debatedor/a: Grazielle Ramos Schweig (UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais)

É notável a expansão que nos últimos anos a Antropologia no Brasil alcançou junto às mais diversas formações universitárias e não universitárias, e o incremento na formação de antropólogos em nível de pós-graduação e de graduação. Porém, ainda é necessário um debate profundo em torno das particularidades do ensino e do aprendizado de ser antropólogo. O processo formativo em antropologia passa por uma reflexão sobre a relação entre ensino e aprendizagem, mas também por uma análise sobre questões centrais na definição da própria disciplina, como a relação entre teoria e métodos. Tais discussões são fundamentais para compreendermos os rumos da Antropologia como ciência. O presente Grupo de Trabalho visa analisar estas questões, com foco na formação de antropólogos e de “não antropólogos”, discutindo as diversas inserções da antropologia em espaços formativos. Buscamos refletir em torno do lugar do ensino e da aprendizagem da antropologia, bem como dos desafios postos para sua realização. Também nos interessa o aprofundamento nos fundamentos históricos, epistemológicos, teóricos e pedagógicos do ensino e da aprendizagem de antropologia, para que possamos propor desenvolvimentos didáticos para a formação de antropólogos (em nível de graduação e pós-graduação), assim como de cientistas sociais, profissionais da saúde, professores e outros profissionais que se beneficiam do conhecimento antropológico. Igual atenção merece o ensino e a aprendizagem da disciplina na educação básica.

Para que serve!?: o saber fazer antropológico e o processo formativo para ?não Antropólogos?

Autoria: Diego Ramon Souza Pereira (UNEB - Universidade do Estado da Bahia), Marzane Pinto de Souza

O fazer etnográfico e o processo narrativo na relação com a alteridade coloca-nos em uma situação no mínimo ?movediça?. O ato de ser mover, movediça, está sendo tratada aqui com relação as coisas incertas, sem fixações. E são essas incertezas que são recorrentes nos depoimentos do processo de ensino e da aprendizagem do saber fazer antropológico para ?não antropólogos?, sendo mais específico, para graduandos paraenses e baianos. Este work feito a muitas mãos, visa agregar através da memória (AMADO, 1995; BOSI, 2018; BRANDÃO, 1995) relato de dois docentes do ensino superior: uma paraense, docente do IFPA (Instituto Federal do Pará, à época no campus Castanhal) do curso de Agricultura e tecnólogo em Aquicultura e o outro baiano, docente da UNEB (Universidade do Estado da Bahia, campus Eunápolis) do curso de Administração. Ambos os docentes são cientistas sociais, com formação em Antropologia, a referida docente é mestre em Antropologia pela UFF (Universidade Federal Fluminense) já o docente é especialista em Antropologia com ênfase em culturas afro-brasileiras pela UESB (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia). Além das narrativas dos professores também serão aqui evidenciados os discursos dos estudantes de ambos os



estados. Por isso o problema de pesquisa foi: Como trabalhar o processo de saber fazer da Antropologia para ?não antropólogos?? Tomou se por escopos: compreender como os ?não antropólogos? articulam o saber fazer etnográfico com as suas respectivas formações; apresentar um pouco das práticas metodológicas dos docentes com estas graduações; contribuir para pensar estratégias da formação em Antropologia. Através do resgate das memórias e das identidades chegou-se à conclusão que o saber fazer advindo do conhecimento antropológico deve-se ?namorar? com o fazer técnico/prático destes cursos, no caso, é preciso investir na reflexão acerca da formação etnográfica dos ?não Antropólogos?.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: